

Índice

1. Introdução	2
2. Problema de Pesquisa	3
3. Problematização	3
4. Hipoteses	3
4. Objectivo Geral	4
5. Objectivo Especifico	4
6. Justificativa	4
7. Referencial Teorico	4
8. “A Verosimilitude Científica e Cristã”	5
9. O Cristão e não Cristão	7
10. Afinal, quem é Jesus Cristo?	8
11. Lacunas Biblicas	10
12. Ciência	12
13. Genese da Ciência	12
14. Astrologia	13
15. Matematica	14
16. Fisica	15
17. Medicina	16
18. Conclusão	19
19. Bibliografia	20

1. Introdução

O presente trabalho visa tratar um tema de tanto quanto controverso, paradoxal e difícil de debruçar, em virtude do mesmo ser delicado, traduções e interpretações bíblicas mal feitas, é muito mal feitas, contextualização bíblica, a luta e desvalorização de poder do Ser supremo mitológico invisível e poderoso, segredos ocultos e a ciência pelo facto de ter consigo um mar de segredos e a bibliografia disponível que nos induz a várias percepções sobre o mesmo assunto, que nos obriga e conduz para uma direcção daquilo que o escritor quer que a gente saiba. Desta feita o tema paradoxal em questão é “*A Verosimilitude Científica e Cristã*”. Este trabalho, à luz da Jornada Científica, já mais poderá ser visto como um desafio aos queridos cristãos, muito menos à massa sapiente. Gostaria que os consumidores desta obra a visse como aperitivo para posterior investigação, e/ou, se calhar, levantar questões que a partir dela nascessem obras. Esta obra não é o início nem o fim das incertezas em que Deus intervém onde a ciência termina. Porque não uma dúvida metódica a respeito do assunto aos sensíveis ao tema ou aos que amam a ciência mesmo aos crentes que vivem divididos procurando a *Verdade*, verdade esta que não encontrarão. O trabalho tem a seguinte estrutura: Problema da Pesquisa, Problematização, Hipóteses, Objectivo Geral, Objectivo Específico, Justificativa, Referencial Teórico, “A Verrossimilitude Científica e Cristã”, O Cristão e não Cristão, Afinal, quem é o Jesus Cristo? Lacunas Bíblicas, Ciência, Génese da Ciência, Astrologia, a Matematica, a Fisica, a Medicina, a Conclusão, e Bibliografia. De remota que este trabalho será feito com recurso a obras bibliográficas existentes e disponíveis para o efeito recorrendo a Internet caso seja necessário, para dizer que o método será de pesquisa bibliográfica.

2. Problema de Pesquisa

“A verosimilitude Científica e Cristã”

3. Problematização

A verosimilitude «Científica e Cristã» constituem um caso de reflexão devido a forma como terão surgido no seio das ciências sociais e humanas, bem como devido às exigências quase que rígidas da forma como tais as verdades deviam ser postas em prática. A rigorosidade que se tinha sobre quem devia ou não ser considerado sábio e mensageiro da palavra de Deus a partir daí, a sua reputação foi ficando depreciada; é daí que advêm as seguintes questões:

A quem beneficia a verdade que talvez não seja verdade?

Porque tanto se esconde mesmo se sabendo que a verdade científica é património da humanidade? Afinal, onde nasce a cultura cristã?

E com que intuito a verdade que talvez não seja verdade ganhou espaços que hoje tem?

Terá sido Cristo o único a morrer e ressuscitar três dias depois?

4. Hipóteses

A verdade científica talvez beneficie aos povos que desde muito se acharam acima de todos outros.

Esconde-se como forma de manter os outros povos como reféns ideológicos e maximização dos detentores da suposta verdade.

A cultura cristã nem é de judeus muito menos Europeus esta é sim uma versão de hábitos pagónicos do Egipto, Mesopotâmia, Roma e tantos outros.

Na ciência ganhou espaço para facilitar a cosificação do homem africano (Negro)

Na verdade não!

4.Objectivo Geral

Discutir a Génese das Ciência tentando trazer a Ribalda um Hipotética verdade bem Como criar nos interessado pela verdade científica e Cristã uma Irá e paixão pela Investigação Cientifica.

5.Objectivo Especifico

Criar uma Visão cinética inclusiva e que trata da verdade não ao belo prazer dos investigadores mas sim a favor da Verdade.

Criar uma cultura de verdade e valorização dos feitos Africanos em prol da ciência bem como da religião e cultura Cristã.

6.Justificativa

O tema em apreciação é de extrema importância mesmo que não se propondo a resolver um problema da actualidade, isto porque a verdade ou melhor a ciência não deve esta a serviço das raças e muito menos deve ser feita como se fosse uma disputa política repleta de demagogias e ilações insultuosas, ela sim deve ser feita com humildade suficiente para servir como uma mais pura e saudável verdade e pertencente a toda a humanidade em geral. E no campo cristão devemos sim tratar de revelar as verdades se é que elas existem para que não nos usemos e não nos escravizemos, porque o que se verifica na verdade é que alguns são servos de Deus e outros são pedagogos e é a estes que se paga e venera-se para ter acesso ao reino dos céus, criando desta feita o Ópio e também o parasitismo.

7. Referencial Teórico

A teoria que sustenta este trabalho será desta feita o Iluminismo.

Iluminismo é um conceito que sintetiza diversas tradições filosóficas, correntes intelectuais e atitudes religiosas. Pode-se falar mesmo em diversos micro-iluminismos, diferenciando especificidades temporais, regionais e de matiz religioso. (Wikipédia a enciclopédia livre)

8. “A Verosimilitude Científica e Cristã”

A verdade científica tem desde muito sido alvo de graves omissões propositadas, intuitivamente raciais no sentido mas claro da cosificação do homem (Negro), se dermos um olhar atento veremos isso patente em todos os discursos científicos que de sangue e osso hemisferizam as grandes descobertas do mais sistematizado e profundo conhecimento das coisas do mundo bem como fenómenos extra-terrestres que de certa forma passeiam a sua classe no planeta azul. Fazendo do bicho homem o seu epicentro ou melhor o seu ponto de incidência gnosiológica. Da pré-história à conquista romana no ano 30 a.C. a história do Egipto foi a mais longa de todas as civilizações antigas que floresceram em torno do Mediterrâneo, estendendo-se, quase sem interrupção, desde aproximadamente o ano 3000 a.C. até ao século IV d.C. (Professor Doutor – Allen Assad, UFES).

Sem desta feita querer deixar de lado a questão talvez mais polémica da actualidade e que tem sido alvo de muitas investigações neta óptica refiro-me ao cristianismo e as suas doutrinas bem como filosofia candentes a redução e a pacificação do homem pela fé e crença.

Frederich Nietzsche refere na sua obra anticristo que o cristianismo não passa de um grupo de favos de crenças pagãs recolhidas maioritariamente do Egipto, Mesopotâmia, Roma e Grécia e que pela sua colocação na vida das sociedade nada mais se fez a não ser a caça aos infieis, as bruxas.

Na óptica de Nietzsche e Da Vinci os infieis eram as pessoas que não acreditassem em Cristo como messias mas sim como apóstolo, são ainda infieis os povos que tivessem culturas e religião diferente da Romana, falo deste modo dos orientais e alguns povos Europeus que não fossem de índole cristã.

E as bruxas essa sim, na maioria dos casos eram as mulheres que se banhassem e se perfumassem esta eram tidas como fonte do pecado isso porque o seu esplêndido requinte seduzia os padres ou sacerdotes que na lei cristã não deveria se unir fisicamente com as mulheres porque eram símbolo de luxúria, avareza, insanidades mas tudo isso teria sido disseminado pelo Papa Gregório I ou mesmo Gregório Magno que até chegou a atribuir a símbolo da prostituição a Maria Madalena.

Este pensamento reinou bastante na igreja Católica e por muito tempo e muitos rios senão mares de sangue se fizeram a terra vindo de mulheres inocentes, para dizer que as mulheres estavam

proibidas do banho e devia ficar com dentes “enferrujados” e mal cheirosas para o mal da bruxaria não lhes atingir ou melhor para não cair na cobiça do clero.

O mas caricato ainda é que estas mulheres estavam expressamente proibidas de manifesta um sentimento biológico que era o de atingir clímax ou mesmo em palavras mais familiares orgasmo porque caso isso acontecesse eram cremadas vivas em nome da Cristandade e também em nome desta mesma cristandade as mulheres que nascessem com curvar exóticas no corpo o que nós na gíria chamamos de “*Boasudas*” estas estavam votadas ao “assado vivo” por que continham consigo o diabo da promiscuidade. Mas que diabo? Era uma forma de eliminar todas as mulheres que pudessem atentar contra a fé cristã e a doutrina de não casamento e nem relacionamento físico para os sacerdotes. Para compreender melhor sobre a caça as bruxas e crimes cometidos pela Igreja Católica veja *Malleus Maleficarum* de Henrich Kramer e James Spencer de 1486 este foi o livro de receitas para identificar as bruxas.

Por sua vez Nietzsche considera a religião cristã como uma religião barbara para povo bárbaro e de povos bárbaros, perseguidora e exclusiva e de imensos secretismos, mas diz ainda no seu livro assim - “Assim Falava Zaratustra” quando disse que Jesus Cristo se tivesse a oportunidade de regressar a terra se arrependeria pelo facto das igrejas estarem a fazer um mau uso das suas palavras e Historia de vida e de forma enganosa e agressiva.

9. O Cristão e não Cristão

Não me lancem pedras mas dê-me espaço para me esclarecer!

Segundo o livro de História Universal das Igrejas, Jesus Cristo não teria sido o Alpha nem o Omega, mas sim alguns homens teria o tornado como tal para garantir a sua supremacia, isto quer dizer que o primeiro homem a morrer e ressuscitar três dias depois foi o “*Horus*” ou “*Deus sol*”, como queiram, que no terceiro dia aparece ao nascer do sol dando uma visão similar a da cruz, logo a ideia da cruz de remota que este deus para o seu nascimento não teria havido nenhuma relação sexual e quando ressuscitou ascendeu ao céu lá onde brilha até hoje.

No geral, a história de Hórus é a seguinte: Hórus nasceu em 25 de Dezembro da virgem Isis-Meri. O seu nascimento foi acompanhado por uma estrela do Leste, que, por sua vez, foi seguida por 3 reis em busca do salvador recém-nascido. Aos 12 anos, era uma criança prodígio, e aos 30 foi baptizado por uma figura conhecida por Anup, e que assim começou o seu reinado. Hórus tinha 12 discípulos e viajou com eles, fez milagres tais como curar os enfermos e andar sobre a água. Também era conhecido por vários nomes: A Verdade, A luz, o filho adorado de Deus, Bom pastor, Cordeiro de Deus, entre muitos outros. Depois de traído por Tifão, foi crucificado, morto por 3 dias e ressuscitou. Estes atributos de Hórus¹, originais ou não, parecem influenciar várias culturas mundiais e muitos outros deuses encontrados com a mesma estrutura mitológica. - (Wikipédia, enciclopédia livre. Historia do Antigo Egipto, 3000 a.C.)

Não foi do Jesus Cristo nem dos Romanos porque esta já era símbolo da religiosidade e santidade no Egipto *coisa essa* que deu maior poder ao faraó passando desta feita a serem designados faraós todos os imperadores do Egipto. O mais engraçado ainda é que o dia da ressurreição de *Horus* aconteceu coincidentemente no dia 25 de Dezembro que é o dia do nascimento de um novo sol para os cristãos bem como para os egípcios e gregos.

Gregos porque o segundo homem a morrer e a ressuscitar no terceiro dia seria o Dionísio que desta feita atribui aos deuses gregos uma altíssima divindade tornando – se desta feita o princípio e fim de todas as coisas

“Dionísio da Grécia, nasceu de uma virgem em 25 de Dezembro, foi um peregrino que praticou milagres como transformar a água em vinho e é referido como 'Rei dos Reis', 'Filho prodígio de

¹ Hórus é o deus de sol do Egipto que nasceu de uma virgem

Deus', Alpha e Ómega', entre muitas outras coisas. Após a sua morte, ressuscitou. (Wikipédia, enciclopédia livre Grécia, 500a.C) ”

. Mas é preciso compreender que todos estes feitos estavam numa perspectiva pagã dos povos Caucasianos que são os nativos de Egipto, Médio Oriente bem como gregos e foram vários os anos de vigência destes elementos culturais mantendo-se durante décadas e séculos como o centro da dominação sócio – filosófica e política do antes e do depois do Cristo.

Logo, de acordo com as ciências espirituais diríamos que foram necessárias várias encarnações de Cristo ou mesmo de Horus para que a existência de Deus como tal fosse compreendida e valorizada. Se quisermos compreender este aspecto convido vos a fazermos uma viagem pela teoria Daltónica, de acordo com John Dalton, na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma e como não seria excepção nos homens “*o que desaparece é o corpo não a alma*”- *sustenta* pois nesta mesma matéria o homem é um ser dual e essa mesma dualidade estampa-se no facto do homem ser composto por corpo e alma sendo desta feita o corpo a fonte do pecado ou imundice e nada que se é feito no sentido pecaminoso pelo homem tem como fim alimentar a alma mas sim o corpo, e logo nenhuma morte atinge a alma mas sim o corpo, e sendo a morte a única forma existente de purificação da alma Socrates,..... Este é outro debate que não nos interessa por enquanto.

10. Afinal quem é Jesus Cristo

Para os muçulmanos ou mahometanos Jesus Cristo é um profeta que inclusive nas suas escrituras esperam que ele volte a terra, pôs ele não passa de um filho de Maria ou por outro filho do homem como tantos outros o consideram(Alcorão²)

Para os cristão ele é o messias filho do Deus vivo que por ele foi enviado para salvar a Humanidade da túnica pecaminosa que este vestem-na por natureza e para tal teve que derramar seu sangue na cruz do calvário tendo morrido e ressuscitado no terceiro dia e levitado para o céu bem perto de Deus onipotente e plenipotenciários transformando-se desta feita no pedagio para a entrada ao reino dos céus (Bíblia. São João)

Para o seu povo Judeu este era ou é um rabino revolucionário e que como tantos outros reclamou o título de messias mas este posicionamento divide judeus pelo facto de não aceitarem

² Alcorão é o livro sagrado dos Mahometanos

que ele seja um messias pôs para este o messias deve ser descendente do rei David e não tem nenhuma divindade nele. (Tanakh ou Velho testamento³)

Para o Evangelho de Judas Jesus Cristo é um filósofo um profeta que mais uma vez viera para o mundo do mesmo caminho que tantos outros vieram para fazer com que a profecia se concretiza-se aliás, esse mesmo evangelho advoga que o judas que na escritura Bíblica é tido com traidor teria sido reservado a ele o garante da concretização ou realização da profecia entregando aos Romanos o filho do Homem para salvar o mundo pelo derrame do seu sangue .O que em poucas palavras quer dizer que judas não teria sido de jeito nenhum um traidor mas sim um dos discípulos devotos de Jesus a quem teria o confiado essa missão⁴.(segundo as Escrituras em papiro ou manuscritos de judas encontrados no lugar da sua morte ou melhor onde ele supostamente teria se suicidado).

Segundo a mesma escritura Jesus Cristo sabia que ia morrer e que ele não havia vindo ao mundo para viver mas para morrer e salvar a humanidade e a sua morte devia ser a mais cruel possível ou melhor da época sendo desta feita a crucificação.

Jesus Cristo para Da Vinci não passava de um grande profeta (filósofo) popularista e marido da Maria madalena isso pode ser visto na obra de arte de Da Vinci que retrata a última ceia de Jesus com seus discípulos onde ele destaca o desculpo mas próximo de Jesus e diz que não era o João de cabeça encosta a Jesus mas sim Maria Madalena que no entanto era onde o sangue de Jesus descansa⁵.(Wikipedia)

Santo Graal é uma expressão medieval, utilizada para fazer referência ao cálice utilizado por Jesus Cristo na santa ceia. A palavra "Graal", etimologicamente, vem do latim tardio, "gradalis".

Mas a história do santo Graal não é tão clara quanto sua etimologia. Ao contrário, é ambígua, misteriosa e conduz facilmente ao mito e à fantasia. Para constatar isso, basta observar as inúmeras obras literárias.

Existem várias versões a respeito da tradição do Graal. Uma delas, encontrada nos livros de cavalaria da Idade Média, diz que, após Jesus ter usado aquele cálice na ceia, José de Arimatéia o

³ Tunakh ou velho testamento é os livros sagrados dos hebraicos ou judeus

⁴ Judas é o discípulo que na versão cristã é tido como o traidor de Jesus ou melhor a pessoa que vendeu Jesus aos Romanos.

⁵ Leonardo Da Vinci foi um grande génio da idade Media que tudo o que escreveu com medo de ir a forca fê-lo com base em códigos "Código de Vinci de Dan Brown."

teria utilizado para recolher o sangue e a água, derramados do lado aberto de Jesus na Cruz. Anos depois, José de Arimatéia o levou consigo para as Ilhas Britânicas, onde fundou uma comunidade de cavaleiros para guardar a relíquia. (Wikipedia).

Segundo uma outra versão, o cálice da santa ceia é o que se conserva na catedral de Valência, na Espanha. Aquele cálice teria sido levado para Roma por São Pedro onde foi utilizado por seus sucessores até o século III. Mas, no ano 258, devido à perseguição do imperador Valeriano, o papa Sisto II confiou ao diácono Lourenço a guarda da relíquia. Pouco antes de ser martirizado, São Lourenço o enviou, por meio de um soldado, para Huesca, na Espanha. Lá o cálice permaneceu por quatro séculos. Mas sempre que havia algum perigo, o cálice era trasladado a outro lugar. Depois de passar por vários lugares da Espanha, foi levado para Valência, ainda no século XV. (Revista electrónica do Vaticano 2006⁶)

Na versão de Dan Brown, autor de “O Código da Vinci”, o santo Graal não seria um cálice, mas sim, os restos mortais de Maria Madalena, ou mais precisamente, seu útero, de onde teriam nascido os descendentes de Jesus, os quais, segundo ele, possuiriam, o sangue real de Cristo. Daí decorre uma outra fantasia. No quadro da “Santa Ceia”, de Leonardo da Vinci, a presença do Graal não estava num cálice, mas na pessoa de Maria Madalena. Dessa forma, quem estava à mesa, ao lado de Cristo, não seria João, o discípulo amado, mas Maria Madalena. Vários estudiosos são unânimes ao aceitar que maior parte das riquezas da igreja católica são ensanguentadas e se não o são então advêm do uso “de pagamento de fronteira para a chegada ao pai celestial” ou melhor pagamento de indulgência. Cada ouro, diamante, prata que constitui a luxúria da basílica de São Pedro ou na trincheira do Vaticano tem sempre uma sombra de sangue e grito de dor de um pobre ou Judeu bem como povos não cristão⁷.

11. Lacunas da Bíblicas

Perante a Bíblia, a astrologia pode ser considerada uma forma de idolatria, na medida em que a pessoa confia que o seu destino está traçado pela posição dos astros no momento do seu nascimento, logo, confia o seu ser, o seu “destino” à criação. A sua personalidade, traços do seu

⁶ Revista do Vaticano de 2006 que versa sobre matéria de índole cristã

⁷ Para perceber sobre a riqueza do Vaticano “ler A guerra Santa” e o seu impacto macabro

carácter, bons ou maus, serão consequência do seu signo. Porém, os astros, o firmamento, estrelas, constelações, planetas... tudo é obra da mão de Deus. Criação Sua. **Gênesis 1:14-19**

A Bíblia ensina que a astrologia é não somente uma actividade inútil (sem valor), mas algo tão mau que sua simples presença indica que o juízo de Deus já ocorreu (Actos 7.42-43). Tanto como filosofia ou como prática, a astrologia rejeita a verdade relativa ao Deus vivo, e em seu lugar conduz as pessoas a objectos mortos, como os astros e planetas. Assim como a Bíblia ridiculariza os ídolos, também o faz com os astrólogos e suas práticas (Isaías 47.13). Entretanto, isto não tem evitado que a maioria dos astrólogos declare que a Bíblia apoia favoravelmente a astrologia. Jeff Mayo, fundador da Escola Mayo de Astrologia, declara que "a Bíblia está cheia de referências astrológicas". Joseph Goodavage, autor de Astrology: The Space Age Science (Astrologia: A Ciência da Era Espacial) e Write Your Own Horoscope (Escreva Seu Próprio Horóscopo) declaram que "a Bíblia está cheia da" filosofia da astrologia.

Sendo assim se a posição dos astros não significa nada perante a bíblia como é que se explica a posição estrelar do nascimento de Jesus Cristo? Que tanto se esperou e se consumou como verdade?

A biblia é um livro sagrado não se “Nega” mas tambem adimite-se que ela seja uma compilação de livros sagrados de varios povos escritas para manter acoesão social bem como o respeito pelo devino e ela como diz Santo Agostinho foi escrita por gente anormal e inspirada pelo espirito santo razam pela qual ela é perfeita e inclusiva chegando a espelhar todos os momentos da vida do homem na terra e é tambem por conta disso que ela é escrita por muita gente.

12. Ciência

A ciência, etimologicamente scientia (saber), que os gregos designaram (epistêmê - conhecimento) por oposição a doxa (doxa - opinião), é conhecimento - já que queremos conhecer ou não fosse o homem, por natureza, um animal curioso que deseja o saber (Aristóteles pag. 3 no seu livro a Metafísica) - é mesmo uma das modalidades privilegiadas que assume o conhecimento humano. Há outras formas de saber e de dizer o real - o que as coisas são e quem somos nós - ou seja, há outras linguagens ou outros discursos já que, por essência, o saber se manifesta e traduz num dizer, é comunicável e comunicado. O discurso do senso comum, o discurso filosófico, o discurso religioso ou o discurso estético são tantas outras formas de dizer o real . Se toda a ciência é conhecimento a inversa já não é verdadeira, isto é, nem todo o conhecimento é científico, o que significa que os diferentes tipos de conhecimento se distinguem uns dos outros por características que são específicas e próprias de cada um deles.

Mas se a ciência é uma das formas de conhecimento, entre outras, ela é, indubitavelmente, entre todas, a forma mais valorizada e por isso privilegiadas de conhecimento; esta hegemonia do conhecimento científico sobre os outros modos de conhecimento deve-se sobretudo ao retumbante desenvolvimento tecnológico, cheio de êxitos, que a ciência tornou possível e fez real. Por isso, socialmente a ciência impõe-se não tanto pelo que ela é mas sobretudo pelo que faz e permite fazer, isto é, ela é socialmente reconhecida pelas suas consequências, bem visíveis no quotidiano do homem, permitindo-lhe agir eficazmente sobre as coisas, controlá-las e dominá-las, e assim tornando o homem não apenas o rei das criaturas - que o era por criação divina - mas dono e senhor do universo, pelo poder que põe ao alcance das suas mãos.

13. Gênese da Ciência

Mas o que aflige me a mim é a audácia dos cientistas de reduzir ao nada os feitos desta grande civilização que influenciou inclusive a cultura europeia bem como a sua prática religiosa, a dita cristã, que na verdade não passa de uma colecção pagã de feitos e hábitos originalmente egípcios e a posterior gregos.

De acordo com a periodização da História do mundo desde o antes de Cristo até ao depois de Cristo tange-me a mim dizer que a ciência como tal teve origem nas três grandes

comunidades humanas mais antigas que o planeta azul já teve, não desta feita querendo inferiorizar o conhecimento que tanto contribuiu para a evolução do homem na pré-História. Ora vejamos, foi no Egito antigo que se observou o nascimento de inúmeros rebentos científico falamos desta feita da Astrologia, Física, Matemática, Filosofia, Meteorologia, Medicina, Climatologia, e outras.

14. Astrologia

A astrologia⁸ é uma ciência que dentro do conhecimento científico mais publicado se não o oficial é tido como tendo surgido no terceiro milênio antes de Cristo coisa que não é verdade porque os conhecimentos da civilização do Antigo Egito, serviram de base há quase todas as religiões e filosofias existentes na actualidade. A herança deixada pelos egípcios, que se debruçaram sobre quase todas as áreas da ciência e do saber é incalculável, dentre esses legados, está a Astrologia Egípcia, um método de auto-conhecimento baseado na posição dos astros no momento do nosso nascimento. Os sábios egípcios eram extremamente hábeis para marcar o tempo, ótimos observadores, sabiam tudo sobre o movimento de rotação da Terra, muito antes que os astrónomos.

Para clarificar diremos que o período acima referido é de cerca de 2453 anos antes de Cristo se não mais, mas preocupa-me no entanto o facto de a Europa intoxicar o mundo com os estudos de Galileu Galileia sobre a rotação do mundo e não do sol que já era sabido e familiar no Egito.

Muito obedientes aos sinais dos céus, que eram as imagens e as mensagens de seus deuses, exímios na arte de interpretar os astros e prever os destinos, foram provavelmente, os primeiros astrólogos de que se tem notícia. Os egípcios consideravam a astrologia uma das ciências mais importantes de suas vidas e era tão fundamental que não saiam de casa sem antes consultar as predições do deus de seu signo. Acreditavam que os nascidos em um dia turvo teriam uma vida muito difícil e que quase nada poderia ser feito para modificar o que estava escrito nas estrelas.

⁸ Foi no Egito onde parte dos pontos de partida para estudos da astrologia bem como os movimentos de rotação da terra em torno do Sol coisa essa que é roubada e oferecida ao Galileu Galileia.

15. Matemática

Por volta do ano 4.000 a.C., algumas comunidades primitivas aprenderam a usar ferramentas e armas de bronze. Aldeias situadas às margens de rios transformaram-se em cidades. A vida ia ficando cada vez mais complexa. Novas actividades iam surgindo, graças sobretudo ao desenvolvimento do comércio. Os agricultores passaram a produzir alimentos em quantidades superiores às suas necessidades. Com isso algumas pessoas puderam se dedicar a outras actividades, tornando-se, artesãos, comerciantes, sacerdotes, administradores.

Como consequência desse desenvolvimento surgiu a escrita⁹. Era o fim da Pré-História e o começo da História. Os grandes progressos que marcaram o fim da Pré-História verificaram-se com muita intensidade e rapidez no Egito. Você certamente já ouviu falar nas pirâmides do Egito. Para fazer os projectos de construção das pirâmides e dos templos, o número concreto não era nada prático. Ele também não ajudava muito na resolução dos difíceis problemas criados pelo desenvolvimento. (Struik, 1992)

Como efectuar cálculos rápidos e precisos com pedras, nós ou riscos em um osso? Foi partindo dessa necessidade imediata que estudiosos do Antigo Egito passaram a representar a quantidade de objectos de uma colecção através de desenhos – os símbolos. A criação dos símbolos foi um passo muito importante para o desenvolvimento da Matemática. Na Pré-História, o homem juntava 3 bastões com 5 bastões para obter 8 bastões. Se formos a dar um olhar bem atento veremos que a matemática como tal nasce com a existência do Homem primitivo, isto porque nas sociedades primitivas predominava o socialismo no verdadeiro sentido e o produto das suas acções ou trabalho era dividido por todos estando desta feita patente as expressões matemáticas da Soma, divisão, subtracção e desde já de boca cheia direi que estas foram as primeiras funções matemáticas que o mundo já conheceu e como a historia reza a África é claramente o berço da humanidade ou melhor as sociedades humanas nascem em África sendo que estas expressões matemáticas de igual forma tiveram sua origem no continente negro pós este foi habitado quando ainda a Europa se caracterizava por um bloco de gelo inabitado humanamente falando. Hoje sabemos representar esta operação por meio de símbolos. $3 + 5 = 8$ Muitas vezes não sabemos nem que objectos estamos a somar. Mas isso não importa: a operação pode ser feita da

⁹ Para dizer que os escritos mais antigos são apontados como sendo os do Egito, Mesopotâmia, E dos índios das Américas

mesma maneira. Mas como eram os símbolos que os egípcios criaram para representar os números? (Struik, 1992)

As pirâmides bem como a arquitetura do antigo egipto são a amostra mais clara e rica da perfeição matemática que este povo teve na sua cultura onde para além das expressões matemáticas encontramos patente uma filosofia de raiz bem como o espiritismo e a vida após morte¹⁰.

Um dos maiores pensadores egípcios que é marginalizado pelos vangloriados donos do saber é o Imothepe o homem que sobre o qual nascem as pirâmides do Egipto antigo logo nasce sobre este o teorema que e hoje de forma injuriosa e de sem vergonha chamado de teorema de Pitágoras.

Que abominante!

Pitogoras de acordo com as leituras feitas não passava de um escravo Egípcio de Origem grega que passou a vida copiando e roubando a sabedoria egípcia e rotulando em seu nome e que se o tempo recuasse este seria levado ao banco dos réus no tribunal epistemológico pelo mal que criou a todo uma sociedade.

Um olhar atento e não muito esclarecido consegue ver que na construção das pirâmides esta lá patente o “Teorema de Imothep” que é famigeradamente conhecido como de Pitágoras.

16. Física

Na área da física para encobertar a verdade os cientistas limitam-se dizendo que não sabem explicar os mecanismos usado para a construção das pirâmides do Egipto visto que as pedras sobre postas são inequivocamente de um peso superior a força de 1000 homens, isto é, nem que se tenha usado força animal não seria possível que se tivesse ganho tanta perfeição e sobreposição de pedras com acima de 8 toneladas de peso.

As primeiras civilizações (dos sumerianos, egípcios, caldeus, assírios, fenícios, chineses, dentre outras) que viveram milhares de anos antes de Cristo usaram máquinas simples (rodas, arados, balanças, cunhas, planos inclinados, parafusos, alavancas (p.e. os remos das canoas e veleiros), roldanas ou polias para melhorar a agricultura, construir cidades, ampliar o comércio, guerrear e, com isso, promover o seu processo civilizador, conforme salienta o antropólogo brasileiro Darcy

¹⁰ O Egipto é sim o ponto mais alto da civilização mundo pelo seu aspecto influentes

Ribeiro (1922-1997) em seu livro intitulado O Processo Civilizador: Etapas da Evolução Sócio Cultural (Vozes, 1978).

Vários autores são unânimes em aceitar que a civilização egípcia já fazia uso destas leis todas muito bem antes de dos gregos as chamarem e conhecer como tal, isto falando das leis do equilíbrio que se verificava nas balanças de medição do ouro em pó que nalgum momento serviu de moeda sendo assim convidava a essa mesma unanimidade para dar o carácter primata dos egípcios na invenção das máquinas simples bem como da roda.

Foi também no Egipto onde se observou a primaria técnica de regadio de campos de cultivo usando desta feita o que mais tarde se chamaria de vasos comunicantes bem como se estudarmos com atenção veremos que os primeiros cálculos de força foram feito no Egipto para a construção das pirâmides logo a física como tal já era conhecida e aplicada no Egipto acerca de 3450 anos a.C. e tudo que apareceu depois com nomes de autores não passou de uma serie de repetições de factos sobejamente conhecidos pelos egípcios ou melhor inovações de factos já conhecidos.

17. Medicina

A civilização do Antigo Egipto estendeu-se por um longo período de quase 3 milénios, constituindo um dos exemplos mais interessantes das chamadas culturas prétecnológicas arcaicas. As principais fontes de informação acerca da actividade médica chega-nos através dos rolos de papiros. Segundo Wikipedia existem 14 rolos de papiros médicos, em diferentes estados de conservação, a maior parte correspondendo ao Império Médio (2050-1800 anos AC), mas contendo referências ao Império Antigo (2700-2185 anos AC). Partindo da crença segundo a qual a doença resultava do efeito de um espírito maligno sobre o corpo – pelo que qualquer tratamento médico não podia senão diminuir os sintomas, ficando a doença apenas curada quando o demónio deixasse o corpo do doente – aos poucos o pensamento médico foi progredindo, tendo o exorcismo ficado cada vez mais reservado para casos verdadeiramente desesperantes. Este movimento, do mágico para o empírico, parece resultar das práticas de dissecação, a partir das quais vão crescendo os conhecimentos anatómicos e com eles o conhecimento sobre o diagnóstico. Apesar de haver, naquela época, uma compreensão muito avançada sobre a circulação sanguínea e sobre o papel do coração, não deixava de reinar a crença

que o pensamento se localizava no coração e se nutria do corpo. Os antigos egípcios desenvolveram, pois, uma amálgama entre a medicina empírica e a medicina mágica.

A farmacologia do antigo Egito constituía uma grande parte da medicina da época, como se pode ver pelo chamado papiro farmacológico de Ebres. Com uma grande auréola mística, cada receita envolvia uma complexa preparação de medicamentos, em que os compostos provinham do reino mineral, vegetal, animal ou de substâncias provindas de combinações das três origens. (Corleto 1993)

Encontram-se, nesse papiro, diversos remédios contra o cancro, as doenças de pele, as perturbações ginecológicas e até, mesmo, para tratamento das sequelas do abortamento. Uma vez por outra a tradução dos textos esbarra com a intransponível dificuldade de se desconhecem os termos técnicos de zoologia e botânica da antiga língua egípcia. Outras vezes, o próprio médico que ditou a receita não foi exacto. "*A erva **se-nutet** (desconhecida pelos historiadores e botânicos) é trepadeira, como a planta **gadet** (também desconhecida) e tem flores semelhantes às do lótus*", diz um dos textos. Mesmo para os que conhecessem a planta **gadet**, a descrição pareceria muito vaga. (Corleto 1993)

Mas, noutros preceitos, a terapêutica é eficaz e racional, como nos casos em que o médico recomenda inalações de vapor: "Pega em sete pedras e fá-las aquecer ao fogo; pega numa e lança sobre ela um pouco do medicamento; fecha-a num vaso novo, com o fundo furado no furo, aplica um tubo, do qual aproximarás tua boca, de modo a inspirar o vapor que sai. Repete a operação com todas as outras pedras." Existe, por exemplo, o conselho de dar sementes de papoila ao lactente nervoso e com insónias, que revela conhecimento empírico exacto e profundo. Mesmo hoje, para lactentes inquietos e que apresentem sintomas de cólicas intestinais, são, por vezes, recomendados medicamentos derivados da papaverina, substancia extraída da papoila e dotada de propriedades calmantes e anti - espasmódicas. (Brunetta, J.1998)

Isto não pode ser considerado místico nem magico porque até hoje vários médicos usam este truques no sentido de convencer ao doente que ele fica bom com o tratamento que esta recebendo por é dos melhores possíveis, logo é meramente psicológico e concluiríamos então que a psicoterapia já fazia parte da vida dos Egípcios mas era vista de forma discriminatória”feitiçaria ou Magia”

Outro conselho digno de menção e também para as mães da época: untar o bebê com gordura de gato para que os ratos não o molestem durante o sono. Embora não se revele muito prático, para o observador moderno, o preceito talvez fosse importante numa região infestada por ratos famintos e transmissores de moléstias. Quanto à eficácia da gordura de gato, certamente o médico egípcio se fiava na proverbial e milenar repulsa que o cheira de gato inspira aos ratos. Um remédio que apresentava um uso muito divulgado era o mel, o qual era incluído na maior parte das preparações medicamentosas. O mel, para além das qualidades nutritivas, assegurava um meio fácil de administrar as ervas e outros preparados pelo seu agradável sabor. Há também indicadores da existência de uma proto-cirurgia no antigo Egipto que incluía a analgésica e a sedação, a incisão, trepanação, a protocirurgia dos traumatismos e a antiseptis. Já no que respeita às observações empíricas referentes a doenças ou disfunções do sistema nervoso, muito embora poucas, parecem ser aprofundadas. Por exemplo, os tratamentos para as enxaquecas ocupam um longo capítulo do único papiro de Ebers completo e melhor preservado. A demência, as convulsões e a tetania foram mencionadas ao de leve em diferentes papiros. Com as descrições clínicas detalhadas dos traumatismos cranianos e vertebrais apresentadas nos papiros de Edwin Smith, a neurologia do Egipto faraónico atinge a sua maior importância. Este papiro, oriundo séc. XVII AC, foi publicado em 1930, com tradução de James Henry. Concebido na Idade das Pirâmides (3000-25000 anos AC), para além de ser um documento sobre a ética médica daquele tempo, contém as menções mais antigas na literatura oriental sobre o cérebro, as meninges e os traumatismos cervico-basilares. Num estilo de simplicidade cativante, clareza indiscutível e eficiência bastante razoável, o papiro de Edwin-Smith enumera conselhos sobre ferimentos e fracturas dos mais variados. Vejamos, por exemplo, as instruções para um ferimento na região temporal: cure-se um homem ferido na têmpora e com um ferimento não aberto; mas se atinge o osso, deverá ser examinada a própria ferida. E se for encontrado o osso temporal ileso, então pode-se dizer a respeito desse caso: tem uma ferida na têmpora, é um mal que posso curar. Fá-lo, no primeiro dia com carne fresca, depois trata-o com um unguento e mel, até à cura completa." A avaliação da própria competência por parte do médico ("é um mal que posso curar"), bem como sua confissão de incapacidade nos casos irremediáveis, aparece repetidamente, como que a dar ênfase a um princípio ético a ser observado pelo médico.

Porém, não nos esqueçamos que, não obstante as surpresas neles contidas, os documentos que descrevem actividades médicas no antigo Egipto também indicam a superficialidade de certos

conhecimentos relativos à anatomia e há fisiologias humanas. O vocabulário relativo à anatomia externa era vasto e particularizado, mas o que se referia a órgãos internos era desproporcionalmente limitado. A representação hieroglífica de órgãos internos humanos quase sempre é a de órgãos de animais. Da anatomia interna, o médico egípcio conhecia apenas os ossos, alguns órgãos fundamentais como o coração, o fígado, o estômago, os pulmões, os intestinos e a bexiga. Mas não distinguia músculos de nervos, nem artérias de veias, embora soubesse que o sistema vascular é governado pelo coração¹¹.

Segundo o Wikipedia no Egito antigo existiu um homem que inclusive pelo conhecimento da medicina ate fazia cirurgias estéticas aos faraós e apesar de misturar magia e medicina chegou a ser venerado como deus da medicina ate por povos do mediterrâneo que se faziam a ele para serem curado e estetizados, falo desta feita de Imothep o grande sábio do Egito antigo.

Para dizer que se existe um pai da medicina não esta acima do deus da mesma mas no entanto me preocupa o facto de não se divulgar muito sobre a existência deste grande senhor¹².

18. Conclusão

Em jeito de conclusão, o presente trabalho conduziu-me a saber que o Cristianismo para chegar a fase actual das discussões bíblicas, várias foram a fases pelas quais passaram, bem como as ciências no geral.

A outra ideia com que fiquei no final do presente trabalho, está ligada ao facto de saber que todos os saberes humanos, estão ligados a uma diversidade de ideologias e conhecimentos que, sendo ou não verdade, se entrosam até constituir uma ideia que possa unir várias pessoas em forma de consenso e que na verdade a África não é só o berço da humanidade mas sim científica e que a sua renegação ao ultimo plano foi propositado bem com foi também a decapitação da escultura do Leão com cara de Homem que se encontra no Egito ou melhor no meio do deserto e leva consigo uma marca de corrosão provinda das aguas da chuva e dilúvios havidos na época. Em suma diremos que quase metade do saber ou das áreas do saber que hoje desfrutamos nascem em África. E foi de igual forma em África que Jesus Cristo mais viveu e passeio a sua classe e sobre a pergunta sobre a qual pesa se existem ou não negros na bíblia diríamos que sim existem

¹¹ Estes posicionamentos foram extraídos de uns resumos de obras de autores e Professores de simbologia egípcia

¹² O imothep é deus da medicina e o Hipócratas é o pai da medicina

»os Povos egípcios e as suas influências sobre a religião cristã » bem como Adão e Eva como os primeiros feitos humanos do Deus plenipotenciário e onipotente.

19. Bibliografia

KING, Karen. The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle. Polaridge Press. Santa Rosa, Ca: 2003 (O Evangelho de Maria de Magdala: Jesus e a Primeira Apostola).

RIJCKENBORGH, J. VAN. Misterios Gnosticos da Pistis Sophia. Ed. Rosacruz, 2007

HEMRY Lincoln, Michael Baigent e Richard Leigh, O Santo Graal e a Linhagem Sagrada 1982.

BROWN, Dan . O Código da Vinci .www.portaldetonando.com.br 2003.

<http://www.Edu.com.br> acessado no dia 15/09/09 as 13:45

JOSEPH F. Goodavage, Astrology: The Space Age Science (Nova Iorque: Signet, 1967), p. XI.

www.misteriosantigos.com/index_res.html

ROBERT G. Ingersoll Religião não pode consertar a humanidade porque religião é escravidão' 1833-1899.

BRUNETTA, J. Aspects of fertility in ancient Egypt. Em, Cruse, P. Ed., *Proceedings of the*

7th Annual History of Medicine Days Conference, Mar. 26-27; Calgary AB. Calgary, p. 7-12. 1998.

CORLETO, L. Pharmacopoeia in ancient Egypt. *Med Secoli.*, 5(1):1-18. 1993.

GARCIA-Albea, E. Neurology in the medical papyruses of the pharaohs. *Rev Neurol.*, 16-28;28(4):430-3. 1999.

DARCY Ribeiro O Processo Civilizatório: Etapas da Evolução Sócio Cultural 1978.